

SENTENÇAS PSEUDOCLIVADAS E FOCO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Lívia de Mello Reis (IFSC)

liviademelloreis@hotmail.com

Sandra Quarezemin (UFSC)

quarezeminsandra@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada a partir de uma análise dos contextos de ocorrência das sentenças pseudoclivadas. Assim, nosso objetivo é investigar quais as sentenças pseudoclivadas (canônica, invertida e extraposta) são empregadas em contextos pergunta-resposta e em contextos de correção, além de mostrar o tratamento sintático que a literatura apresenta para as mesmas.

Quanto à metodologia, para investigar a recorrência destas sentenças no Português Brasileiro (PB), foi aplicado inicialmente um experimento com contextos que permitiam aos participantes escolher um dos três tipos de sentenças pseudoclivadas: a canônica, a invertida e a extraposta. Além disso, uma revisão bibliográfica foi realizada, a fim de verificar a relação entre os tipos de foco e as pseudoclivadas. Ainda através destes estudos, foi possível traçar um panorama geral do processo de clivagem e da focalização, compreendendo melhor o funcionamento das sentenças pseudoclivadas no PB.

De maneira geral, sentenças pseudoclivadas são sentenças complexas que têm a função de focalizar constituintes (RESENES, 2009), como em (1).

(1) **Quem** beijou o João foi [a Maria].

Essas sentenças possuem propriedades específicas para desempenhar sua função – o elemento *wh* (quem), a cópula (*ser*) e o foco (a Maria). É interessante lembrar que o pronome *wh* é um dos elementos que diferenciam as sentenças pseudoclivadas (1) das clivadas (2), já que estas apresentam o complementizador *que* junto da cópula e do foco:

(2) Foi [a Maria] **que** beijou o João.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, *Sentenças Pseudoclivadas e Focalização*, apresentamos pressupostos teóricos acerca do processo de clivagem e da focalização, a fim de conceituar as sentenças pseudoclivadas. Na segunda seção, *Descrição da metodologia da pesquisa*, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados. E, por último, na terceira seção, *Análise dos dados obtidos*, discutimos estes dados, relacionando-os à teoria.

1. SENTENÇAS PSEUDOCLIVADAS E FOCALIZAÇÃO

De acordo com Braga *et al* (2009, p. 253), “a operação de clivagem é realizada necessariamente para destacar sintaticamente um sintagma como foco”. Já para Modesto (2001, p. 21) a clivagem envolve construções clivadas que são definidas como “sentenças

especificacionais em que um movimento A-barra dispara as leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade”.

Desse modo, sentenças pseudoclivadas, e também clivadas, são produtos do processo de clivagem, uma vez que são utilizadas na focalização de constituintes (RESENES, 2009). É importante destacar que ambas possuem itens específicos para cumprir sua função: a cópula e o complementizador *que*, nas sentenças clivadas; e a cópula e um elemento *wh*, nas sentenças pseudoclivadas, como em (3) e (4) e (5) e (6), respectivamente¹.

(3) Foi [o Daniel] **que** comprou uma moto.

(4) Foi [uma moto] **que** o Daniel comprou.

(5) **Quem** comprou uma moto foi [o Daniel].

(6) **O que** Daniel comprou foi [uma moto].

Através dos exemplos acima, é possível depreender as representações para clivadas (7) e pseudoclivadas (8):

(7) Cópula (ser) + XP (=foco) + complementizador *que*.

(8) Sentença *wh* + cópula (ser) + XP (=foco).

A partir disso, é necessário entender o que é foco e qual a sua função dentro das sentenças. Segundo Quarezemin (2012, p. 102), “foco é o elemento que carrega informação não compartilhada pelos interlocutores. Ele pode acrescentar informação ao pressuposto (foco não-contrastivo) ou negar o pressuposto (foco contrastivo)”.

O foco não-contrastivo ou de informação veicula uma informação nova, antes desconhecida por pelo menos um interlocutor. Neste caso, uma pergunta-Q é utilizada para descobrir justamente aquele que dá o valor para o pronome-Q: *o foco*. Como observamos em (9):

(9) a. – Quem perdeu a carteira?

b. – Foi [o André] **que** perdeu a carteira.

c. – **Quem** perdeu a carteira foi [o André].

Já o foco contrastivo aparece em contextos de correção de uma informação e tem o objetivo de enfatizar, como em (10):

(10) a. – André perdeu o celular.

b. – Foi [a carteira] **que** ele perdeu (não o celular).

c. – **O que** ele perdeu foi [a carteira] (não o celular).

Mioto (2003, p. 175) destaca três tipos possíveis de foco, baseado nos estudos de Zubizarreta e Kiss: não-contrastivo, contrastivo e de identificação. A partir do quadro² abaixo é possível identificá-los de acordo com os estudos de cada autora.

¹ Os exemplos são sentenças clivadas e pseudoclivadas consideradas canônicas. As pseudoclivadas invertidas e as extrapostas serão tratadas mais a diante ao longo deste artigo.

² O quadro foi retirado de Mioto (2003). As iniciais (Z) e (K) representam Zubizarreta e Kiss, respectivamente.

(16) Foi [o João] **quem comprou uma moto.**
Foco Sentença wh

(17) Foi [uma bicicleta] **o que a Maria comprou.**
Foco Sentença wh

2. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA DA PESQUISA

Com o objetivo de analisar os tipos de pseudoclivadas mais recorrentes em contextos de pergunta-resposta (foco de informação) e em contextos de correção (foco contrastivo), optamos por elaborar um experimento⁴, o qual continha 20 contextos diferentes divididos em: 8 contextos com foco de informação, sendo 4 para a focalização do sujeito e 4 para a focalização do objeto; 8 contextos com foco contrastivo, sendo 4 para a focalização do sujeito e 4 para a focalização do objeto; e 4 distratores distribuídos ao longo do questionário, a fim de “distrair” o participante.

Optamos ainda por reduzir as respostas de modo que o participante pudesse escolher somente entre os três tipos de pseudoclivadas: canônica, invertida e extraposta, como, por exemplo⁵:

(18) Você está no clube e vê o seu grupo de amigos comentando que alguém quer nadar. Então, você pergunta: quem quer nadar?

A () O Francisco é quem quer nadar.

B () É o Francisco quem quer nadar.

C () Quem quer nadar é o Francisco.

(19) Seus amigos estão comentando que “Janaína é uma ótima jogadora de basquete”. No entanto, você sabe que Janaína não joga basquete, e sim vôlei. Então você comenta:

A () O que Janaína joga é vôlei (e não basquete).

B () Vôlei é o que Janaína joga (e não basquete).

C () É vôlei o que Janaína joga (e não basquete).

Por último, é relevante destacar que as opções de respostas foram alternadas em cada contexto dado, ou seja, “embaralhamos” as respostas para que o informante não respondesse de forma automatizada. Além disso, só era possível assinalar uma única opção de resposta.

A partir dos dados obtidos no primeiro questionário, os quais serão mostrados e analisados na terceira seção deste artigo, consideramos pertinente a aplicação de um segundo questionário⁶, a fim de verificar se os participantes conseguiam diferenciar as sentenças clivadas canônicas das pseudoclivadas extrapostas. Para tanto, elaboramos 10 situações que foram divididas em: 5 contextos com focalização de sujeito, sendo 3 situações com foco de

⁴ Na primeira etapa da pesquisa, tivemos a participação de 67 informantes.

⁵ Os exemplos (18) e (19) foram retirados do experimento elaborado para a pesquisa. Em (18), temos um contexto de foco de informação que focaliza sujeito. Já em (19), temos um contexto de foco contrastivo, focalizando objeto.

⁶ Na segunda etapa da pesquisa, somente uma amostra dos participantes do primeiro experimento responderam o segundo – 14 participantes.

informação e 2 com foco contrastivo; e 5 contextos com focalização de objeto, sendo 3 situações com foco de informação e 2 com foco contrastivo.

Como nosso objetivo era verificar se o informante fazia distinções entre clivadas canônicas e pseudoclivadas extrapostas, em diferentes contextos, reduzimos as respostas para duas alternativas apenas: a primeira (alternativa A) seria uma clivada canônica e a segunda (alternativa B) seria uma pseudoclivada extraposta, como em (20) e (21)⁷:

(20) O telefone de Silvana toca e ela conversa durante uma hora. Após isso, sua mãe entra no quarto e questiona: quem telefonou?

A () Foi o Marcos que telefonou.

B () Foi o Marcos quem telefonou.

(21) Seus amigos estão comentando que “Aline perdeu seu celular” mas, na verdade, você sabe que Aline perdeu sua carteira. Então, você diz:

A () Foi a carteira que a Aline perdeu (e não o celular).

B () Foi a carteira o que a Aline perdeu (e não o celular).

3. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Em relação ao primeiro questionário, os resultados obtidos vão ao encontro do que é defendido por Resenes (2009), que afirma que as pseudoclivadas canônicas e as extrapostas veiculam tanto foco de informação quanto foco contrastivo. Em nossos dados, observamos que nos contextos de foco de informação – sujeito, 52% dos informantes escolheram a pseudoclivada extraposta como opção de resposta e 30% escolheram a pseudoclivada canônica. Já nos contextos de foco de informação – objeto, 44% optou pela pseudoclivada extraposta para responder as situações e 40% optou pela pseudoclivada canônica.

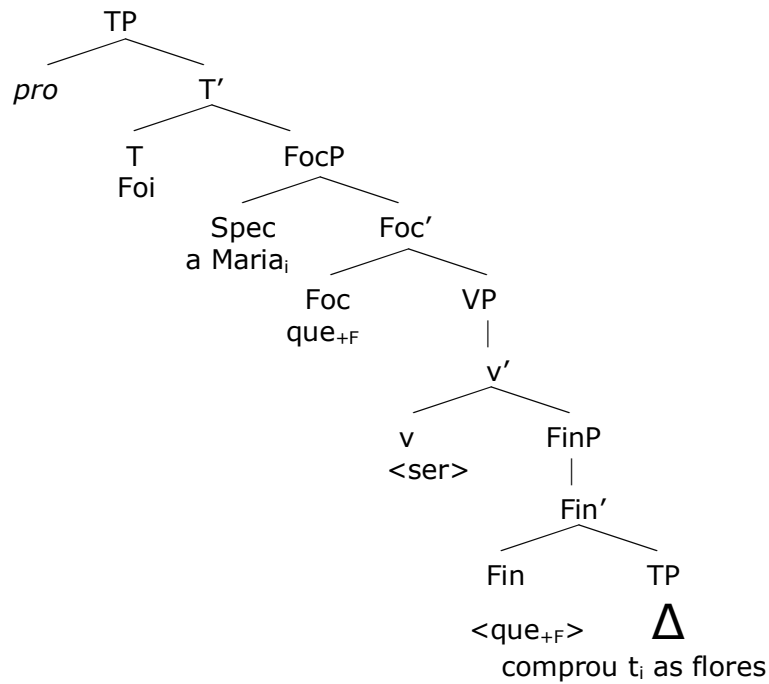
Nos contextos de foco contrastivo – sujeito, 53% escolheram pseudoclivadas canônicas e 40% escolheram pseudoclivadas extrapostas. Com o foco contrastivo – objeto, 56% optou pelas pseudoclivadas canônicas e 39% optou pelas pseudoclivadas extrapostas.

Com os resultados apresentados acima, ainda podemos afirmar que as respostas escolhidas pelos participantes, em relação às pseudoclivadas canônicas, vão ao encontro do que Braga *et al* (2009) mostram em seu estudo – as pseudoclivadas canônicas focalizam predominantemente objetos diretos –, embora tenha aparecido um número significativo de respostas com pseudoclivadas extrapostas em contextos de foco de informação com focalização de objeto. Nesse caso, teríamos um foco de informação em CP? Ou teríamos o acionamento da periferia esquerda da cópula, como proposto por Belletti (2008, apud QUAREZEMIN, 2009) para as clivadas com sujeito foco de informação?

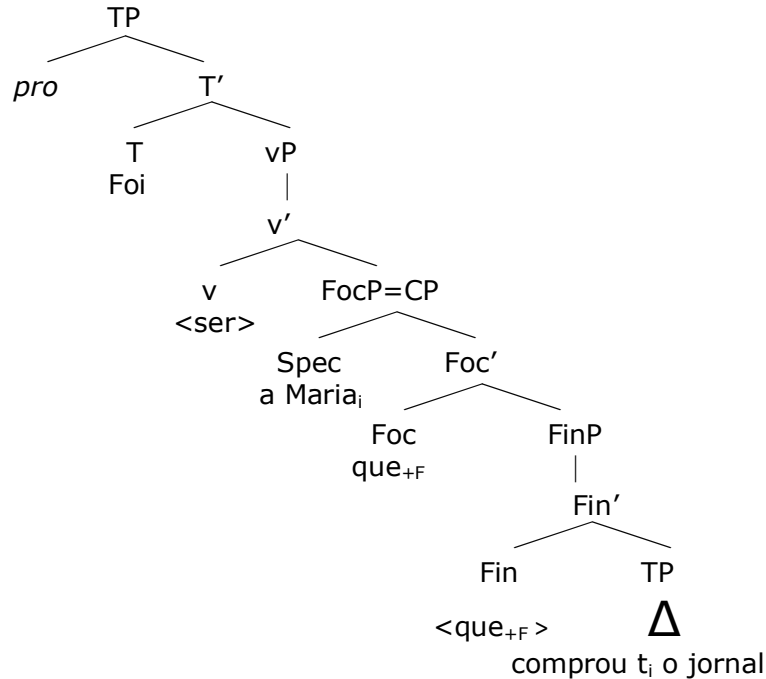
De acordo com Belletti (2008, apud QUAREZEMIN, 2009), as clivadas sujeito foco de informação não têm a mesma estrutura das clivadas com sujeito e objeto focalizados contrastivamente. Apenas nas primeiras, o sujeito foco ocupa a posição FocP na periferia da cópula, como em (22), enquanto nas últimas, ocupa a posição FocP na periferia esquerda da sentença encaixada, como em (23).

⁷ Os exemplos acima foram retirados do segundo questionário para exemplificar alguns dos contextos criados para nós para a pesquisa: (20) envolve foco de informação-sujeito e (21) envolve foco contrastivo-objeto.

- (22) a. Quem comprou as flores?⁸
 b. Foi [F a Maria] que comprou as flores.
 c.



- (23) a. Foi A MARIA que comprou o jornal (não a Ana).
 b.



É preciso levar em consideração a hipótese de que os falantes estão escolhendo a pseudoclivada extraposta como o equivalente a uma sentença clivada canônica, uma vez que

⁸ Os exemplos em (47) e (48) foram extraídos de Quarezemin (2011, p. 104 e 108, respectivamente). Visando uma melhor compreensão, as representações foram adaptadas para a configuração arbórea.

o que muda superficialmente entre as duas é a presença do complementizador nas clivadas, ou da expressão-wh nas pseudoclivadas.

Em relação às respostas com pseudoclivadas invertidas, os resultados parecem ir de encontro à Resenes (2009) que afirma que as pseudoclivadas invertidas são utilizadas somente em situações de foco contrastivo. O que chama a atenção é justamente o fato de que o número de respostas com pseudoclivada invertida nas situações de foco de informação foi maior do que nas situações de foco contrastivo. Em números, tivemos: 17% das respostas com pseudoclivadas invertidas nos contextos de foco de informação, como em (24), e somente 6% de respostas com o mesmo tipo de pseudoclivada nos contextos de foco contrastivo, como em (25).

(24) Ana chegou do Shopping com uma sacola. Sua mãe pergunta: o que você comprou?

- Um sapato foi o que eu comprei.

(25) Seus amigos estão falando que “Guilherme correu 10 km na última maratona”. No entanto, você sabe que João correu 10 km, e não Guilherme. Assim, você esclarece:

- João foi quem correu 10 km (e não Guilherme).

Consideramos, então, que os resultados não deveriam acusar o aparecimento das pseudoclivadas invertidas nas situações envolvendo foco de informação, caso nossos dados fossem ao encontro do defendido por Resenes (2009), o que não ocorreu. Assim, pretendemos reaplicar nosso experimento de forma mais cuidadosa, além de continuar nossos estudos em relação à sintaxe da pseudoclivada invertida e ao tipo de foco que ela pode veicular.

A partir dos resultados em que tivemos respostas com pseudoclivadas extrapostas, como exemplificado em (26) – 44% no total, considerando foco de informação e foco contrastivo, tanto nas situações focalizando sujeito quanto objeto – questionamos uma possível não diferenciação das pseudoclivadas extrapostas e das clivadas canônicas por parte dos sujeitos envolvidos em nossa pesquisa.

(26) Joana fez uma festa de aniversário e ganhou muitos presentes. Maria quer saber o que Joana ganhou do namorado, então pergunta à Izabel: o que Joana ganhou de Toni?

- Foi um anel de brilhantes o que Joana ganhou.

Segundo Quarezemin (2014, p. 70), “a ocorrência ou não da clivada objeto em contextos de foco de informação pode não estar limitada pela sintaxe, mas pelo contexto pragmático discursivo”. A autora afirma que não é apropriado responder uma pergunta como (27a) com uma clivada objeto, mas que é possível usar esse tipo de sentença como resposta a uma pergunta como (28a)⁹.

(27) a. Quem você encontrou?

b. #Foi a Julia que eu encontrei.

(28) a. Qual das alunas você encontrou?

⁹ Exemplos extraídos de Quarezemin (2014, p. 70).

b. Foi a Julia que eu encontrei.

A autora menciona Menuzzi (2012) que propõe a “pressuposição de unicidade” como uma condição de uso necessária às clivadas. Em (28b), a pressuposição é a de que apenas uma das alunas foi encontrada, isto é, um único elemento corresponde à proposição pressuposta. Já em (27b), qualquer pessoa pode ter sido encontrada, não há a pressuposição de que apenas uma pessoa possa ter sido encontrada.

Em nossos dados, alguns contextos podem inferir a pressuposição de unicidade, como aquela proposta por Menuzzi (2012) para as clivadas; mas há contextos em que não é possível fazer relação com tal pressuposição, como verificamos em (29).

(29) O telefone de Janete toca e ela conversa durante uma hora com a pessoa. Após isso, sua mãe entra no quarto e questiona: quem telefonou?

Observamos que em (29) qualquer pessoa pode ter telefonado para Janete, não há um conjunto que delimite possíveis indivíduos de terem telefonado para ela. Por isso, a escolha da pseudoclivada invertida ou da extraposta não seria adequada como possível resposta a esse contexto. A maioria dos participantes escolheu a extraposta, exemplificada em (30), como opção de resposta.

(30) Foi o Tadeu quem telefonou.

Diante da escolha expressiva da extraposta tanto em contexto de foco de informação quanto em contexto de foco contrastivo, aplicamos um segundo questionário a fim de verificar essa possível diferenciação (ou não) das estruturas clivadas e pseudoclivadas extrapostas.

O resultado obtido com a aplicação do segundo experimento nos fez refletir sobre algumas pesquisas realizadas, já que tivemos dados que foram de encontro com o exposto pelos autores. O que mais nos chamou a atenção foi, sem dúvida, o aparecimento de clivadas canônicas como respostas para contextos que focalizam o objeto como foco de informação (64% das respostas obtidas), o que não é natural acontecer de acordo com a análise de Mioto e Negrão (2007). Para estes autores, somente a pseudoclivada canônica é capaz de veicular foco de informação de maneira natural, uma vez que com sua estrutura podemos considerar que o objeto focalizado permaneça *in situ*, o que não ocorre nas clivadas canônicas.

Mioto (2003) observa que a pseudoclivada reproduz com fidelidade a estrutura de asserção do foco não contrastivo, proposta por Zubizarreta (1998), como pode ser visto em (31).

(31) a. O que Igor comeu foi um pastel.

A1: \exists um x, tal que o Igor comeu x.

A2: O x tal que o Igor comeu x é [F um pastel].

Se for assim, o foco da pseudoclivada é compatível com a interpretação de foco de informação, aquele que simplesmente veicula informação não pressuposta. E o foco da pseudoclivada extraposta, como em (32), escolhida como opção de respostas nos contextos interrogativos do nosso experimento, também pode receber essa mesma interpretação? Ou deve ter a interpretação de foco contrastivo veiculada pelas clivadas objeto, algo do tipo [x e apenas x]?

(32) Foi uma bolsa o que eu comprei.

Mioto e Negrão (2007) propõem, seguindo sugestão de Pires de Oliveira, que uma clivada tem a seguinte estrutura de asserção:

(33) O menino comeu o bolo.

A₁: Existe x tal que o menino comeu x.

A₂: Para todo y, o menino comeu y se e somente se $y=x$ & o x (tal que o menino comeu x) = [F o bolo].

A pseudoclivada extraposta como (32) recebe a interpretação dada às pseudoclivadas canônicas, como na A₂ em (31), ou a interpretação dada às sentenças clivadas, como na A₂ em (33)?

Em relação à sintaxe das pseudoclivadas extrapostas, teriam elas a mesma estrutura das clivadas canônicas? Uma análise unificada seria a proposta ideal para assumirmos? Se uma análise unificada fosse o ideal, não teríamos como justificar a assimetria verificada nas clivadas sujeito e clivadas objeto (cf. QUAREZEMIN, 2014), o que não ocorre com as pseudoclivadas sujeito e pseudoclivadas objeto.

Ainda, de acordo com Lobo (2006), uma análise unificada não dá conta de explicar o contraste que se verifica entre clivada e pseudoclivada extraposta em relação ao padrão de concordância. Vejamos:

(34) a. Foram os meninos que jogaram futebol.

b. *Foram os meninos quem jogaram futebol.

c. Foram os meninos quem jogou futebol.

Enquanto nas clivadas canônicas a concordância de pessoa é acionada na sentença encaixada, como em (34a), o mesmo não ocorre na pseudoclivada extraposta, como observado pela agramaticalidade de (34b).

Também verificamos que há uma restrição categorial relacionada aos constituintes que podem aparecer nas clivadas e pseudoclivadas extrapostas, como mostram os contrastes abaixo.

(35) a. Foi o Marcos que telefonou.

b. Foi o Marcos quem telefonou.

(36) a. Era de sorvete que Joana gostava.

b. *Era de sorvete do que Joana gostava.

(37) a. Foi rapidamente que o Pedro correu.

b. *Foi rapidamente como o Pedro correu.

(38) a. *Foi cantar que a Maria fez.

b. Foi cantar o que a Maria fez.

As clivadas canônicas permitem a clivagem de DPs, PPs e AdvPs, como em (35a), (36a) e (37a), respectivamente, enquanto as pseudoclivadas extrapostas permitem apenas DPs e VPs clivados, como verificamos em (35b) e (38b).

Outra propriedade que diferencia as duas construções é o reordenamento dos constituintes. As clivadas exibem um comportamento mais restrito quanto à possibilidade de reordenação.

- (39) a. Quem abraçou a Joana foi o Lucas.
 b. Foi o Lucas quem abraçou a Joana.
 c. O Lucas foi quem abraçou a Joana.
- (40) a. Foi o Lucas que abraçou a Joana.
 b. ??O Lucas foi que abraçou a Joana.
 c. *Que abraçou a Joana foi o Lucas.

As pseudoclivadas permitem que o constituinte clivado figure antes ou depois da cópula, já as clivadas parecem restringir o constituinte clivado a uma posição fixa, sendo agramatical a estrutura com o foco em última posição e o CP no início da sentença, como em (40c).

Outro dado interessante no segundo questionário foi o aparecimento de 64% de respostas clivadas canônicas nas situações de foco de informação que focalizam objeto em contraposição com os 57% de respostas com clivadas canônicas nas situações que focalizam sujeito (na mesma condição de foco de informação). Segundo Guesser e Quarezemin (2013), a clivada aparece mais frequentemente em situações de sujeito foco de informação, do que objeto foco de informação, o que não aconteceu em nosso experimento.

Ainda que nossos resultados apontem em direção a uma análise unificada para as clivadas e pseudoclivadas extrapostas, não assumimos essa proposta por considerar que as evidências apontadas acima são cruciais para determinar a estrutura das sentenças em questão.

Uma saída possível é assumir como em Guesser e Quarezemin (2013, p. 202) que nas pseudoclivadas extrapostas com objeto focalizado “o elemento focalizado tem sempre uma interpretação marcada por um traço de tópico, ou seja, o elemento clivado é uma nova informação não contrastiva e, ao mesmo tempo, um elemento presente no contexto discursivo imediato”.

Adaptando a proposta das autoras para as pseudoclivadas extrapostas, teremos a seguinte representação:

- (41) [TP ... Foi_i [_{FocP}[+ foco; +tópico] uma bolsa_i [_{VP} t_j [_{SC} o que eu comprei t_i]]]]

Em (41), o constituinte clivado se move para Spec FocP checando seus traços de foco e tópico. A expressão-wh permanece dentro de CP na *small clause* selecionada pela cópula. A focalização ocorre na periferia de VP. Já nas clivadas objeto, como em (42), o complementizador preenche o núcleo Foc, o que excluiria a possibilidade de CP figurar antes do constituinte clivado, e o foco figura na periferia esquerda da subordinada.

- (42) [TP ... Foi [_{FocP}[+ foco; +tópico] uma bolsa_i [_{Foc°} que [_{FinP} [TP eu comprei t_i]]]]

Não é possível desfazer a relação Spec-núcleo mantida entre o foco e o complementizador nas sentenças clivadas; o mesmo não se verifica nas pseudoclivadas extrapostas. Nossa hipótese é que o conjunto de traços [+foco, +tópico] é o responsável pelo aparecimento de pseudoclivadas extrapostas em contextos de foco de informação, seja o sujeito ou o objeto focalizados.

Em geral, consideramos os dados obtidos interessantes uma vez que indicaram outros contextos possíveis para clivadas e pseudoclivadas, os quais não apareceram nos estudos de outros autores, sobretudo os que baseiam essa pesquisa. Por isso, pretendemos continuar a pesquisar os contextos em que clivadas e pseudoclivadas aparecem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos mostrar os tipos de sentenças pseudoclivadas mais empregados em contextos pergunta-resposta e em contextos de correção. Para isso, aplicamos um experimento que continha contextos tanto de foco de informação quanto de foco contrastivo e que focalizassem ora sujeito, ora objeto.

A partir da aplicação do primeiro questionário, observamos de fato que a pseudoclivada invertida não tem uma porcentagem expressiva nas escolhas dos participantes. Além disso, o número de respostas com pseudoclivadas canônicas e com pseudoclivadas extrapostas foi muito próximo, o que nos fez questionar a relação das sentenças clivadas canônicas com as sentenças pseudoclivadas extrapostas. Assim, elaboramos um segundo experimento, a fim de verificar se os participantes percebiam diferenças (ou não) entre as sentenças.

O objetivo inicial da pesquisa colocou em questão os possíveis contextos em que clivadas e pseudoclivadas podem ser veiculadas, além de questionar a particularidade das estruturas clivadas canônicas e pseudoclivadas extrapostas, o que nos fez ir mais a fundo nesta questão, porém sem esgotar as possibilidades para estudos futuros.

É importante reafirmar que, embora os resultados apresentem uma possibilidade de análise unificada para as estruturas, não assumimos uma proposta de mesma estrutura para clivadas canônicas e pseudoclivadas extrapostas. Nossa hipótese para o aparecimento de pseudoclivadas extrapostas em contextos não prováveis é o conjunto de traços [+foco, +tópico], como exposto na terceira seção. Pretendemos, assim, continuar nossa investigação com o intuito de contribuir para o avanço de pesquisas relacionadas às estruturas das sentenças clivadas e pseudoclivadas.

REFERÊNCIAS

BELLETTI, A. Aspects of the low IP area”, In Rizzi (Ed.) *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2, p. 16-51. New York: Oxford University Press, 2004.

_____. Answering strategies: New information subjects and the nature of clefts”, Chapter 10 of *Structure and Strategies*, Routledge, 2008.

BRAGA, Maria Luiza; KATO, Mary Aizawa; MIOTO, Carlos. As construções –Q no Português Brasileiro Falado. In: KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil – A construção da sentença**. SP, Campinas: Unicamp, 2009. v. 3.

GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. **Revista Linguística** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jun. 2013.

LOBO, M. 2006. **Assimetrias em Construções de Clivagem do Português**: Movimento vs. Geração na Base, XXI Encontro Nacional da APL Textos seleccionados, APL, Lisboa; 457-473. Disponível em <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/assimetrias%20em%20constru%C3%A7%C3%B5es%20de%20clivagem%20do%20portugu%C3%AAs.pdf> . Acesso em 20/05/2014.

MENUZZI, S. Algumas observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, p. 95-121, jul./dez. 2012.

MIOTO, C. Focalização e Quantificação. In: **Revista Letras**. Curitiba, 2003. n. 61. p. 169-189.

MIOTO, C.; NEGRÃO, Esmeralda. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A.T. DE; TORRES DE MORAIS, M. A., LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (Orgs.). **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo, FAPESP; Campinas: Pontes, 2007. p. 159 – 183.

MODESTO, M. **As construções clivadas no português do Brasil**: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

QUAREZEMIN, Sandra. **Estratégias de Focalização no Português Brasileiro** – uma abordagem cartográfica. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. Clivadas e a focalização no Português Brasileiro. In: OLIVEIRA, Roberta Pires de; MIOTO, Carlos (Orgs). **Percursos em Teoria da Gramática**. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 95 – 113.

_____. Foco e tópico nas línguas naturais. In.: CRUZ, Ronald Taveira da (Org.). **As interfaces da Gramática**. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 99 – 117.

_____. Assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas e pseudoclivadas. **Revista de Estudos Linguísticos Veredas** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal Juiz de Fora, v. 19, n. 1, ago. 2014.

RESENES, M. S. **Sentenças pseudo-clivadas do português brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

ZUBIZARRETA, M. L. **Prosody, Focus and Word Order**. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.